

Homilia de
Sua Eminencia o Cardeal
Dom Geraldo MAJELLA AGNELO

Quinta-Feira 21 de Setembro



X^{ème} Encontro Internacional
das Equipas de Nossa Senhora

Solene eucaristia de clausura em 21.set.2006

“Equipes de Nossa Senhora, comunidades vivas de casais, reflexos do amor de Cristo”

Chegamos à conclusão de um belo encontro, promissor de graças que o amor de Cristo traz aos casais que procuram ver o seu matrimônio como uma missão de testemunho para o mundo.

A palavra de Deus, deste dia da Festa do evangelista São Mateus, nos ajudará, com a proteção de Maria, Mãe de Deus e nossa, a encontrar Jesus, caminho, verdade e vida.

A primeira leitura, carta de Paulo aos Efésios, desde sua prisão, lembra que na diversidade de carismas e funções, somos um só corpo em Cristo, chamados ao estado de homem perfeito, na medida que convém à plena maturidade de Cristo.

Nessas linhas, Paulo denuncia a divisão dos cristãos, exorta-os a caminhar para a unidade e a pagar o preço: humildade, doçura, paciência.

O texto é rico de esperança: a unidade pode ser feita, porque no fundo ela já existe. A ação de Deus é indivisível, e toda a graça que é comunicada ao coração dos homens vem da única fonte, que é Cristo, em vista de um único desígnio.

Também as diversidades de carismas e de funções específicas no âmbito da comunidade cristã devem ser colocadas a serviço da unidade, para a edificação do corpo de Cristo.

Deus está além de todas as nossas divisões. Ele está em todos os que querem chamar-se seus filhos, em Jesus, e viver como tais.

A leitura de Paulo, com a autoridade que lhe dá a sua condição de prisioneiro, exorta os seus a serem fiéis ao Senhor, dignos do chamado recebido, humildes, mansos, pacíficos.

A paz leva à unidade. Unidade que, segundo Paulo, se articula e realiza em vários níveis: “Um só corpo”; o corpo de Cristo é uno e compreende todos os cristãos. “Um só espírito”: fonte da vida do batizado, fonte da esperança. “Um só Senhor”: é a confissão dos primeiros cristãos: nasce da única fé dada pelo único batismo. Em fim, “um só Deus”, o Pai, Senhor de todos, que opera mediante todos, que habita em todos.

Além de conservar o dom do Espírito, cada cristão deve contribuir para edificar o corpo de Cristo. Os dons de cada um têm o papel de tornar todos os outros capazes, por sua vez, de servir para a edificação da Igreja. O fim é realizar “com a unidade da fé”, o “homem perfeito”, a “medida da estatura da plenitude de Cristo”, a Igreja. A unidade da fé pressupõe os diversos fiéis reunidos pela consciência de ser filhos de Deus e irmãos no Cristo.

Somente assim os cristãos não são mais crianças instáveis, fácil presa de ideologia, de enganos e espertezas, mas, cumprindo a verdade com fatos, isto é vivendo no amor, crescem para o Cristo total.

É Cristo a fonte de todo crescimento da Igreja. Dele é lavada à unidade e é mantida. Por obra dele, seus vários membros se prestam ajuda mutuamente. É ele que faz crescer a Igreja, porque o amor mútuo de seus membros é a mesma caridade de Cristo. Assim Cristo é a fonte do crescimento do amor conjugal, da Igreja Doméstica, como a chamou João Paulo II na *Familiaris consortio*.

((O Salmo 19 (18) proclama: “Os céus proclamam a glória do Senhor, e o firmamento a obra de suas mãos!”

O céu revela ao homem a ordem e o louvor: a ordem como fato ontológico: o louvor como interpretação de linguagem. A criação interpela o homem, convidando-o ao louvor e à obediência. Só o homem pode entoar o louvor, dando linguagem formal ao discurso inarticulado dos céus, e esperando que Deus o aceite.))

O Evangelho de Mateus 9,9-13: Jesus chama o publicano Mateus, que o segue imediatamente. Os fariseus criticavam Jesus, que responde justificando a sua conduta: “Não vim para chamar os justos, mas os pecadores”. Estas palavras de Jesus têm um significado preferencial, não exclusivo.

A vocação de Mateus, que Marcos e Lucas chamam também de Levi, é sem dúvida a mais surpreendente entre as dos doze apóstolos, tratando-se de um publicano, isto é de um cobrador de impostos para os romanos, declarado oficialmente pecador público pelos mestres da ortodoxia. Jesus quer associar Mateus ao grupo dos seus amigos íntimos. Mateus responde imediatamente “sim” ao convite “segue-me” de Jesus, e organiza um banquete de despedida do qual participam alguns seus colegas, juntamente a seu novo Mestre e aos discípulos.

Jesus provoca intencionalmente o escândalo dos puritanos colocando-se a favor das “ovelhas perdidas da casa de Israel”, para que se manifestasse evidente a misericórdia de Deus que acolhe os pecadores e os perdoa como faz o pai com o filho pródigo. Por isso advertiu os chefes religiosos do povo que publicanos e prostitutas os precederiam no caminho do reino de Deus. De fato, foram os pecadores e os pequeninos, os pobres, os ignorantes e os doentes que se apegaram à sua mensagem libertadora melhor que os sãos, os justos, os sábios e os doutos.

Mateus era um marginal da salvação, mais que um pobre; era também um discriminado social como o são hoje os delinquentes habituais, os encarcerados, os alcoólatras e os drogados, as prostitutas. Entretanto Jesus o restitui à sua condição de pessoa e de filho de Deus, infundindo-lhe confiança com o convite “segue-me”; convite que certamente contraria pressupostos psicológicos e sociológicos. Todavia, para o Senhor a pureza religiosa autêntica não é a legal, mas a conversão ao amor, à piedade e à misericórdia.

As leituras da festa de São Mateus nos mostram que todos somos diante de Deus necessitados do seu acolhimento, da sua misericórdia e do seu perdão. Nenhum de nós é tão santo que não necessite de conversão e perdão. Não obstante nossos pecados, o amor de Deus é maior do que toda a miséria moral e nos oferece perdão. E mais, tornamo-nos membros de Igreja santa e pecadora que confia sempre na misericórdia e no perdão. Por isso Deus faz sua Igreja missionária para levar a todos o Evangelho e a força sacramental do amor de Deus, testemunhado pelo seu Filho e agora por nós seus filhos adotivos.

A família, como realidade criada, não perdeu a sua dignidade anterior ao pecado e encontra seu pleno significado somente como família cristã, como comunidade para a qual Jesus Cristo mesmo é o único Salvador. Jesus faz desta comunidade instrumento de sua própria obra salvífica em favor da humanidade.

A visão da família como Igreja “em miniatura” e chamada “família de Deus”, são idéias que estão presentes desde os primeiros séculos do cristianismo.

São Paulo, na carta aos Efésios, trata o mistério da Igreja em relação ao matrimônio e a família. Insiste em que a relação entre marido e mulher imite o amor sacrificial de Cristo pela Igreja. Nesse mesmo sentido “o sacramento do matrimônio significa a união de Cristo com a Igreja. Dá aos esposos a graça de amar-se com o amor com que Cristo amou a sua Igreja; a graça do sacramento aperfeiçoa assim o amor humano dos esposos, reafirma sua unidade indissolúvel e os santifica no caminho da vida eterna”. A família tem uma vocação alta na Igreja. Já que a

família é “comunhão de pessoas”, é “reflexo e imagem da comunhão do Pai e do Filho no Espírito Santo”.

Além dessa imagem Trinitária, a família, em “sua atividade procriadora e educativa é reflexo da obra criadora de Deus. É chamada a participar na oração e no sacrifício de Cristo. A oração quotidiana e a leitura da Palavra de Deus fortalecem nela a caridade. A família cristã é evangelizadora e missionária”. Os pais são os primeiros e principais educadores, portanto primeiros catequistas de seus filhos, chamados a ser testemunhas vivas.

Em nossa sociedade secularizada, a transmissão da fé na família se faz cada vez mais difícil. A atenção à família é importante e urgente. Falando à diocese de Roma, em 6 de junho passado, dizia o Papa Bento XVI: “Precisamente nesta situação todos, especialmente nossas crianças, adolescentes e jovens, necessitam viver a fé com a alegria, apreciar a serenidade profunda que brota do encontro com o Senhor. Na encíclica *Deus é amor* escrevi: “Cremos no amor de Deus: assim pode expressar o cristão a opção fundamental de sua vida. Não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande idéia, senão pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá novo horizonte à vida e, com ele, uma orientação decisiva”. A fonte da alegria cristã é a certeza de ser amados por Deus, amados pessoalmente por nosso Criador, por Aquele que tem em suas mãos todo o universo e que nos ama a cada um e a toda a grande família humana com um amor apaixonado e fiel, um amor maior que nossas infidelidades e pecados, um amor que perdoa.

Esta certeza e esta alegria de ser amados por Deus deve fazer-se de algum modo palpável e concreta para cada um de nós, e sobretudo para as novas gerações que estão no mundo da fé”.

Este Encontro Internacional das Equipes de Nossa Senhora não podia ter escolhido lugar mais adequado que Lourdes. Nossa Senhora aqui apareceu e continua presente acolhendo milhares de fiéis que vem em busca de Jesus, querem ouvir a Palavra de Jesus e segui-lo. Todos aqui vêm não para simples passeio, turismo ou curiosidade mas em busca de ouvir a palavra da Mãe de Deus assim como ouviu Santa Bernadete: Fazei tudo o que Ele disser. O acolhimento da Palavra de Jesus possibilita que Ele realize o seu primeiro milagre. Assim cada fiel que aqui vem pode ser agraciado por Cristo ao fazer o que Ele disser. Que cada família das Equipes de Nossa Senhora esteja sempre atenta para ouvir o pedido de sua Mãe e a voz do Mestre. Assim sereis de fato testemunhas para o mundo, sinal dos valores familiares para os nossos jovens.

Que a Imaculada Conceição de Maria indique o caminho do grande amor e da felicidade a todos que aqui passam. Que esta gruta de Massabielle, como o foi a gruta de Belém, seja lugar de encontro com Deus, com o próximo e consigo mesmo para cada peregrino. Deus nos conceda Seu Espírito Santo para realizarmos sempre o bem, como seu Filho Jesus que passou por este mundo fazendo o bem. Assim seja.

Dom Geraldo Majella Agnelo